

A ONDA: UMA ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DOCENTE CRÍTICA E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Carla Patrícia Felix da Silva
Priscilla Maciel Ramos

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo discutir questões relacionadas à prática docente crítica e a importância da aprendizagem significativa. Para tanto, foi realizada uma análise do filme *A Onda* (2008), no que diz respeito às questões em apontadas para, desta forma, podermos refletir sobre as relações que se estabelecem nessa dicotomia do saber e ensinar.

INTRODUÇÃO

O filme *A Onda* (2008), do diretor Dennis Gansel, é baseado em uma história real que ocorreu em 1967, em Palo Alto Califórnia com o professor Ron Jones. Na trama é narrada a história do professor Rainer Wenger (Jürgen Vogel), que ministrará aulas a respeito de Autocracia, de um projeto com duração de uma semana, para adolescentes. Contudo, para tornar mais real e palpável o que deseja ensinar, ele resolve estabelecer em sua sala de aula um regime autoritário, do qual ele se torna o ditador. No decorrer do filme, percebemos que Wenger vai perdendo o controle do que criou, e o movimento nomeado de *A Onda* toma uma dimensão incontrolável.

As relações que se estabelecem na trama nos chama a atenção, pois podemos observar que todos os acontecimentos, a partir da proposta do professor Wenger, irão girar em torno do que ocorre no ambiente escolar. Não só isso, pois para grande parte dos alunos de Wenger a escola, a *Onda* e as relações que se estabelecem a partir desta tornam-se elementos norteadores ou influenciadores de suas vidas.

Ao analisar esse filme podemos perceber que o que se quer mostrar é a influência de um professor sobre seus alunos. E o que devemos nos questionar é: até que ponto um professor seria capaz de influenciar seus alunos? Por quê? E até que ponto essa influência é saudável? E como se dá a relação entre educandos e educador? Podemos notar nesse

filme que o que ocorre é uma perda, por parte do professor do que se estava tentando ensinar e, conseqüentemente, uma perda por parte dos alunos de uma visão crítica sobre o que estavam aprendendo. Não houve uma prática docente crítica e, conseqüentemente, não houve um aprendizado crítico e significativo.

Assim destacamos o que seria uma prática docente crítica de acordo com o que ressalta Paulo Freire:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. (...) O pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p.18)

Mais do que analisar a prática docente devemos nos perguntar também o por quê se fez tão eficiente um regime autoritário em sala de aula, a ponto de convencer a maioria dos alunos. Como se deu a recepção à proposta do professor? O que podemos destacar quanto a essas questões é que: os alunos de Wenger não estavam preparados para adentrar a esse tipo de experiência. Alguns dos alunos são exemplos bem evidentes disso, como Tim que acaba por se suicidar ao fim da trama por não compreender que aquele movimento deveria acabar.

Neste ponto destacaremos o que aponta Herbert J. Klausmeier e William Godwin a partir dos conceitos de Ausubel (1963), sobre a *aprendizagem significativa*. Duas dimensões de processos de aprendizagem são fundamentais nessa teoria. Uma dimensão trata dos dois modos pelos quais o conhecimento a ser aprendido é tornado disponível ao aprendiz. Estes dois modos são *aprendizagem por recepção* e *aprendizagem por descoberta*. A segunda dimensão indica os dois modos pelos quais os aprendizes podem incorporar nova informação em suas estruturas cognitivas já existentes. Estes dois modos são descritos como *significativa* e *mecânica* (KLAUSMEIER, 1977, p.44).

Destacaremos das ideias discutidas por Klausmeier e Goodwin, a *aprendizagem por*

recepção significativa, na qual as ideias novas ou materiais novos, são apresentados ao aprendiz sob forma final e relacionados ao conhecimento já existente; e a *aprendizagem por descoberta significativa*, na qual o aprendiz chega à solução de um problema, ou outro resultado, independentemente, e relaciona ao seu conhecimento existente.

Assim, tendo como base uma análise sobre a prática docente crítica e a importância da aprendizagem significativa destacamos a importância deste estudo, pois a partir deste poderemos refletir sobre as práticas docentes a nós apresentadas e também sobre o nosso próprio fazer docente. Tendo como foco a relação que se estabelece entre alunos e professor nessa prática do aprender e ensinar.

A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Uma questão relevante que devemos levantar é quanto ao grupo da sala de aula de alunos presente no filme. Percebemos que os discípulos de Wenger são vulneráveis por diversos motivos, alguns como Karo e Marco por questões familiares, Karo faz parte de uma família extremamente liberal a ponto de não existirem regras mínimas capazes de nortear o dia a dia da família. Já Marco tem uma família desestruturada, sua mãe, por exemplo, tem um caso com um de seus colegas de escola. Outros como Tim aderem ao movimento por aceitação tanto familiar quanto escolar, e ainda há aqueles como Bomber, que simplesmente aderem ao movimento pela questão do poder.

No entanto, Karo se opõe ao que presenciamos em sala e é 'colocada' para fora desse grupo. Diante deste acontecimento notamos que há a presença na trama do que Ausubel nomeou como *aprendizagem por recepção significativa*. A atividade proposta por Wenger desde o seu início já evidenciava seu caráter autoritário o que fez com que a aluna Karo imediatamente relacionasse aos regimes políticos autoritários existentes na sociedade e desta forma ela pode supor qual seria o fim daquela atividade.

No filme fica evidente que há uma integração maior entre os alunos que faziam parte d'*A Onda*, contudo havia segregação e intolerância com relação àqueles que não faziam parte do movimento. Ao identificar isso, notamos o quanto se fazia necessário que o professor enxergasse a realidade de seus alunos, que percebesse que para eles aquilo que ele havia construído não era apenas uma experiência. Muitos de seus alunos, como Tim, o viam como herói e viam n'*A Onda* uma saída.

Os colegas de Karo, contudo, não tiveram a mesma recepção que ela à atividade e não

conseguiram compreender desde o seu início como ela e, só conseguem compreender diante de um fim trágico. O que podemos compreender disso é que não havia para os demais alunos os pressupostos que Karo já dominava.

A aprendizagem por recepção significativa está baseada na teoria da subordinação. Quando encontrada pela primeira vez, uma nova ideia é ancorada através da subordinação, num conceito supra-ordenado. (KLAUSMEIER, 1977, p.46). Ou seja, a retenção do material novo é facilitada quando os conceitos apropriados, ou subordinadores, já foram aprendidos. Esses conceitos são organizadores do novo material apresentado.

Estes organizadores avançados não são meramente esquemas dos tópicos do material novo. São pequenas passagens explanatórias que oferecem elementos organizadores para o material novo; por exemplo, podem resumir conceitos supra-ordenados que são relevantes ao material novo, ou podem apontar como os conceitos relacionados, aprendidos previamente, são diferentes ou semelhantes a idéias novas a serem apresentadas. (KLAUSMEIER, 1977, p.48)

Observamos assim que o professor da trama não forneceu a seus alunos os subordinadores necessários para que pudessem compreender e adentrar criticamente à atividade proposta por ele. No início da trama, Wenger pergunta a seus alunos se eles achavam que na Alemanha um regime como o Nazismo poderia novamente se estabelecer, mas não diz a eles o que leva à formação de tais regimes. Wenger não deu os subsídios necessários para que o aprendizado que se iniciava ali fosse realmente significativo, sua proposta deveria estar ancorada em um aprendizado anterior, que ele acreditava que os seus alunos já possuíam.

Em certo momento quando eles criam um símbolo para o grupo, um dos alunos diz que passariam por cima da cidade como uma onda. Percebemos aqui que o uso desse nome, *Onda*, deixa claro como se daria o aprendizado naquela ocasião. Realmente não havia como, aqueles que faziam parte do grupo, enxergarem o que estava acontecendo com eles, pois eram levados por uma onda de ideias e fazeres da qual não conseguiam, nem ao menos, colocar a cabeça para fora para respirar e olhar o mundo a sua volta. Houve uma

imposição por parte do professor e os alunos apenas seguiam sem criticar ou pensar sobre o que faziam no grupo.

O que deveria ser uma *aprendizagem por recepção significativa*, tornou-se um aprendizado por descoberta, na qual o aprendiz precisa chegar a um entendimento independentemente. No entanto, a proposta de Wenger não foi feliz, uma vez que ele não considerou as características individuais de seus alunos e não analisou sua prática docente criticamente. A docência deve ser um fazer consciente e crítico. Quando o educador tem algo em mente deve saber onde quer chegar e como vai fazer para alcançar sua meta com seus alunos.

A PRÁTICA DOCENTE CRÍTICA

Como já foi colocado, Wenger, não analisou criticamente sua conduta como professor e também não analisou como os alunos receberiam toda aquela “onda” de informações e, muito menos levou em conta quais seriam as consequências de seus atos.

“A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p.12). No filme é possível notar que o que aconteceu foi exatamente isso, não houve um pensamento crítico diante a situação apresentada (o ensino sobre a autocracia) e os alunos tornaram-se ativistas de algo que não tinham uma base de entendimento, o que impossibilitou construir uma visão crítica sobre o assunto e sobre os fatos subsequentes.

Segundo Paulo Freire, o ensinar e o aprender andam juntos, não existe um onde não há o outro. E devemos levar em conta que o ensino não pode ser algo bancário, ou seja, o professor é o único detentor de conhecimento e os alunos são seus recipientes vazios que precisam de preenchimento.

O aprender é *“um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador.”* (1996, p.13). Devemos incentivar a curiosidade de nossos “aprendizes” porém, sempre dando os estímulos e dados necessários para isso não se torne uma “lavagem cerebral”. *“[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando de ‘curiosidade epistemológica’, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.”*(1996, p.13).

No filme não houve a construção da curiosidade epistemológica, que Freire comenta, por parte de Wenger. Ele discutiu brevemente e de forma superficial, o que seria um regime autocrático; ele não pediu que os alunos fizessem pesquisas sobre o tópico, como por exemplo: o que era, como era, quais eram suas principais características e etc; ou seja, ele não fez com que os alunos alcançassem o “conhecimento cabal do objeto”, deixando-os assim, apenas com o que o próprio Wenger tinha de conhecimento sobre aquele tópico. Como professores, devemos instigar os alunos a sempre buscarem mais conhecimento, não podemos deixar que eles fiquem satisfeitos somente com o que lhes é passado em sala de aula. É necessário questionar, pesquisar e debater sobre os assuntos apresentados. Desta forma, é possível criar um grupo de “seres **críticos** pensantes” e não apenas “seres pensantes”, em outras palavras, pessoas que tenham a capacidade de avaliar o conteúdo de forma mais racional, desta forma não seria fácil que se deixassem levar e compactuassem com algo como o movimento d’*A Onda*.

“Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.” (1996, p.13)

Estamos aqui falando sobre como o senhor Wenger poderia ter agido, que ele não teve uma abordagem crítica sobre o assunto, mas o que é essa prática crítica? Bom, segundo Paulo Freire, “(...) *é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil.*” (1996, p.15). No decorrer do primeiro capítulo de seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire enumera quais seriam os pontos que os professores deveriam se atentar ao começar a desenvolver o pensamento crítico de seus alunos, são eles:

- Ensinar exige rigorosidade metódica: “*Uma das suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis.*” (1996, p.13)
- Ensinar exige pesquisa: “*Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.*”

Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, contatando, intervenho, intervindo educo e me educo.” (1996, p.14)

- Ensinar exige criticidade: *“Não há para mim, na diferença e na ‘distância’ entre ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade (...), se critica.” (1996, p.15)*

- Ensinar exige estética e ética: *“A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estática. Decência e boniteza de mãos dadas.” (1996, p.16)*

- Ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo do professor: *“O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, neфа, como falsa, a fórmula farisaica do ‘faça o que eu mando e não o que eu faço’. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.” (1996, p.16)*

- Ensinar exige risco, aceitação do novo e a rejeição de qualquer forma de discriminação: *“É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa do velho não é apenas cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo, continua novo.” (1996, p.17)*

- Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática: *“A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (1996, p.17)*

- Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural: *“(…) uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.” (1996, p.18)*

O que podemos dizer é que o senhor Wenger, com o aval da diretora da escola, pois os alunos estavam gostando daquele projeto e “melhorando” em outros aspectos, acabou não

levando nenhum destes conceitos em conta. Em outras palavras, ele não exerceu uma prática crítica sobre seu modo de ensinar e, acabou por colocar os alunos numa situação a qual ele, no final, não conseguia controlar e nem mostrar onde estavam os pontos falhos daquele exercício.

Por este motivo que Paulo Freire diz:

“Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.” (1996, p.18)

Um dos erros de Wenger, e o erro fatal, foi o fato de que ele não ouvia ninguém. O ‘poder’ subiu à cabeça e ele começou a pensar que todos estavam com inveja dele. Ele acabou sendo ingênuo e não se deixou enxergar o que estava acontecendo diante de seu nariz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, podemos compreender a partir dessa discussão o quão significativo pode ser o papel de um educador. Mais do que isso, as relações que se estabelecem em sala de aula vão muito além do que é proposto ali e, portanto, como alunos ou como professores precisamos ter um olhar crítico sobre tudo o que é proposto.

O filme analisado tem um final trágico que evidencia uma consequência extrema de um aprendizado/ ensino sem criticidade. Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (FREIRE, 1996, p.17)

Sendo assim, concluímos que uma prática docente crítica implica não só no papel do educador, mas também dos educandos. A partir de uma prática docente crítica pode se estabelecer a aprendizagem significativa pois o educador fornece ou reconhece os subsídios necessários para aplicar determinado tema e atingir um determinado fim. Mais uma vez, podemos então afirmar que a educação se estabelece numa relação de interdependência entre educadores e educandos, aprendizagem e ensino, criticidade e significância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLAUSMEIER, Herbert John; GOODWIN, William. *Manual de psicologia educacional: aprendizagem e capacidades humanas*. Tradução: Maria Célia Teixeira Azevedo de Abreu. São Paulo: HARBRA, 1977.